

## QUERIDA RUTH: CORRESPONDÊNCIA DE MOEMA TOSCANO A RUTH DE MENEZES KARAM

■ ELIANE PERES

<https://orcid.org/0000-0002-0160-1276>

Universidade Federal de Pelotas

■ SIMONE DE MENEZES KARAM

<https://orcid.org/0000-0003-4413-1494>

Universidade Federal do Rio Grande

### RESUMO

Neste artigo, exploramos a correspondência privada enviada por Moema Toscano a Ruth de Menezes Karam, mais especificamente, três cartas e 14 cartões. Ruth e Moema se conheceram e tornaram-se amigas – posteriormente missivistas – em 1948. Juntas frequentaram o curso de aperfeiçoamento na Escola Nacional de Educação Física, no Rio de Janeiro, e compartilharam a “aventura” de estudar na capital carioca, feito ainda incomum no período para duas mulheres solteiras, professoras primárias, do interior do estado gaúcho. Posteriormente, Moema, feminista, militante, socióloga, professora universitária – foi aposentada compulsoriamente da universidade em abril de 1969, com base no AI-5 e reintegrada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1979, radicou-se no Rio de Janeiro e de lá – e de vários lugares do mundo – escreveu à sua amiga, Ruth, com quem manteve uma amizade de seis décadas. Ruth de Menezes Karam, a destinatária, morava em Bagé, na fronteira do Rio Grande do Sul, e era pedagoga, professora e orientadora educacional. Alguns temas são recorrentes na correspondência: as viagens de Moema, a amizade de ambas, a família, e, mais tarde, a saúde e o envelhecimento. Trabalhamos com a ideia de Dauphin e Pouban (2002) de que a correspondência ordinária desvela a vida privada, que se esconde atrás da cena pública.

**Palavras-chave:** Correspondência privada. Cartas. Cartões. Mulheres. Amizade.

### ABSTRACT

#### DEAR RUTH: CORRESPONDENCE FROM MOEMA TOSCANO TO RUTH DE MENEZES KARAM

In this article we explore the private correspondence sent by Moema Toscano to Ruth de Menezes Karam, more specifically three letters

and 14 postcards. Ruth and Moema met and became friends – afterwards correspondents – in 1948. Together they attended the enhancement course of the National School for Physical Education in Rio de Janeiro and shared the “adventure” of studying in the *carioca* capital, a still uncommon feat by this period for two single women who were also elementary teachers from the countryside of the Rio Grande do Sul state. Later, Moema, a feminist, militant, sociologist and college professor – was compulsorily retired from the university in April 1969 based on the AI-5 and reintegrated to UFRJ in 1979 – settling in Rio de Janeiro and from there – and from several places in the world, wrote to her friend Ruth, with whom she kept a six-decade friendship. Ruth de Menezes Karam, the recipient, lived in Bagé, in the border of Rio Grande do Sul and was a pedagogue, professor and an educational advisor. Some themes are recurring in their correspondence: Moema’s travels, their friendship, family and, posteriorly, health and aging. We work with the idea of Dauphin and Pouban (2002) that ordinary correspondence unravels the private life, which hides behind the public scene.

**Keywords:** Private correspondence. Letters. Cards. Women. Friendship.

## RESUMEN

### QUERIDA RUTH: CORRESPONDENCIA DE MOEMA TOSCANO A RUTH DE MENEZES KARAM

En este artículo estudiamos la correspondencia particular enviada por Moema Toscano a Ruth de Menezes Karam, especialmente 03 cartas y 14 tarjetas. Ruth y Moema se conocieron y se convirtieron en amigas – más tarde mensajeras – en 1948. Juntas hicieron el curso de perfeccionamiento en *Escola Nacional de Educação Física*, en *Rio de Janeiro*, y compartieron la “aventura” de estudiar en la capital *carioca*, un hecho poco común para dos mujeres solteras, profesoras de primaria, del interior del estado de *Rio Grande do Sul*, en aquel periodo. Posteriormente, Moema, feminista, militante, socióloga, profesora universitaria – fue jubilada forzosamente de la Universidad en abril de 1969, con base en el AI-5, y reintegrada a UFRJ en 1979 – se estableció en Rio de Janeiro y desde allá – y de varias partes del mundo – le escribió a su amiga Ruth, con quien mantuvo una amistad de seis décadas. Ruth de Menezes Karam, la destinataria, vivía en *Bagé*, en la frontera de *Rio Grande do Sul*, y era pedagoga, profesora y orientadora educacional. Algunos temas son frecuentes en su correspondencia: los viajes de Moema, la amistad de las dos, la familia y, más tarde, la salud y el envejecimiento. Trabajamos con la idea de

Dauphin y Pouban (2002) de que la correspondencia ordinaria desvela la vida privada, que se esconde tras la escena pública.

**Palabras clave:** Correspondencia privada. Cartas. Tarjetas. Mujeres. Amistad.

## Introdução

Quando o historiador intervém nos segredos das correspondências privadas, ele propõe uma leitura que não visa tanto desvendar a intimidade suposta, mas compreender as razões e a lógica que presidem essas práticas de escrita e de conservação. (DAUPHIN; POUBLAN, 2002, p. 82).

O artigo aqui apresentado teve início em uma manhã ensolarada de domingo, no começo do inverno de 2019, na cidade de Pelotas (RS). Duas mulheres, amigas, professoras, pesquisadoras de áreas diferentes – uma em educação e a outra em genética –, encontraram-se para falar da mãe de uma delas. A primeira coletava materiais para uma exposição sobre vidas de professoras<sup>1</sup>; a segunda, guardiã da memória da mãe, professora, falecida em 2008, mantinha um pequeno tesouro familiar em mãos: a história de sua mãe, Ruth Nascimento de Menezes, depois Ruth de Menezes

Karam.<sup>2</sup> Simone de Menezes Karam, médica, professora de genética na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), filha de Ruth, autora deste trabalho, é uma dessas mulheres. Eliane Peres, pedagoga, professora, coordenadora de um centro de memória em educação, também autora deste trabalho, é a outra. Depois de se encontrarem naquela manhã de domingo de inverno, ambas decidem contar parte da história de duas outras mulheres, professoras e intelectuais: Ruth de Menezes Karam, mãe de Simone; e Moema Toscano, amiga de Ruth. São, assim, quatro histórias de mulheres que se entrelaçam em diferentes temporalidades, sentidos e sentimentos.

Gaúchas, Ruth e Moema se conheceram e se tornaram amigas – posteriormente missivistas – em 1948, em Porto Alegre (RS). Nos anos 1950, contempladas com bolsas de estudos, rumaram ao Rio de Janeiro e frequentaram o curso de aperfeiçoamento na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Partilharam a “aventura” de estudar na capital carioca, feito ainda incomum no período, especialmente para duas mulheres solteiras, professoras primárias, do interior do estado gaúcho.

Assim, este artigo trata de uma pequena, mas importante, parte da história dessas duas mulheres. Nele, são apresentados, primeiro, aspectos da trajetória profissional das profes-

1 A mostra *Vidas de professoras* foi realizada pelo centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales), da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) e foi inaugurada durante o 2º Colóquio Internacional sobre Imaginário, Educação e (Auto)Biografias, o 6º Colóquio sobre Imaginário e Educação e o 1º Encontro Regional da Biograph Sul. Trata-se de eventos integrados e realizados concomitantemente, cujo tema era “Pedagogia do Imaginário, Matrizes Oníricas de uma Escola Viva”. Essa edição, realizada em agosto de 2019, em Pelotas, na UFPEl, foi uma promoção do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (Gepiem). Os eventos reuniram importantes pesquisadores e pesquisadoras da área e consistia em um momento de discussão, aprofundamento e partilhas de estudos do imaginário e de pesquisas (auto)biográficas. Nesse contexto favorável às reflexões das temáticas indicadas nos títulos dos eventos, a mostra *Vidas de professoras* foi concebida e realizada. Uma parte da mostra foi dedicada à vida profissional da professora Ruth Nascimento de Menezes, depois, Ruth de Menezes Karam, uma das protagonistas deste artigo.

2 São contratos, portarias de nomeação, fotografias, carteiras profissionais, cartas, documentos oficiais, entre muitos outros, que exemplificam significativamente como um conjunto de papéis, que associam dados tanto da vida pessoal quanto da vida profissional, pode revelar uma trajetória docente, desde a formação à aposentadoria de uma mesma professora.

soras, destacando as ações de cada uma delas em seus específicos espaços de atuação. Ambas as trajetórias e ações são tratadas na perspectiva da condição de intelectual, tanto de Moema quanto de Ruth. A primeira, com atuação profissional no Rio de Janeiro, como militante, pesquisadora, feminista e professora universitária, com projeção internacional; a segunda, professora primária e de Educação Física, orientadora e supervisora educacional, com atuação local – especialmente na cidade gaúcha fronteira, Bagé (RS), mas não menos importante e tampouco de menor impacto na formação de novas gerações, especialmente de mulheres. Reconhece-se, portanto, Moema e Ruth como duas intelectuais importantes, cada uma atuando a seu modo e em espaços específicos, como mulheres professoras com contribuições significativas ao seu tempo, espaço e geração. Como se afirmou, Moema foi uma intelectual de projeção internacional; Ruth teve atuação local, como professora – uma das primeiras com formação em Educação Física na cidade de Bagé – de séries iniciais e da Escola Normal e, depois, como orientadora e supervisora de estágio em Educação Física.

Trata-se de um argumento baseado na ideia de que “[...] o intelectual é aquele que mobiliza o seu prestígio como especialista em favor de causas públicas, muitas delas completamente distantes das suas especialidades” (VIEIRA, 2015, p. 8). Nesse sentido, atribui-se a condição de intelectuais às duas mulheres-professoras aqui referidas principalmente em razão da ampla rede de sociabilidade profissional da qual participaram ativamente, do desenvolvimento de saberes específicos, da identidade profissional que construíram, das relações que estabeleceram entre o poder público e outras instituições públicas e privadas, do engajamento na causa da produção didática e acadêmica, da ocupação de espaços e de posições de prestígio social e de poder, do trabalho em

prol das causas educacionais e feministas, entre outras ações e atividades desenvolvidas.

A segunda e principal parte do artigo é dedicada a explorar o conteúdo da correspondência enviada por Moema Toscano a Ruth de Menezes Karam. Considera-se, como Perrot (2007, p. 29) que, historicamente, a carta, ou a correspondência pessoal de um modo geral, constitui-se “[...] uma forma de sociabilidade e de expressão feminina, autorizada e mesmo recomendada, ou tolerada”. Nesse sentido, toma-se as três cartas, os 14 cartões, mais duas fotografias e os livros autografados de Moema a Ruth como objetos de análise.<sup>3</sup> Nesse material, é possível perceber a amizade duradoura entre duas mulheres, professoras, com trajetórias muito distintas, ligadas por laços de afeto que se expressaram em “laços de papel” (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 9).

### A remetente: Moema Toscano, professora, pesquisadora, socióloga, feminista

No projeto *Biografia de Mulheres – Mulher 500 anos atrás dos panos*, da Rede de Desenvolvimento Humano (Redeh), Moema Toscano é assim apresentada:

Foi professora primária, lecionando em diversas cidades gaúchas. Conquistou o 1º lugar em um concurso de especialização e como prêmio ganhou uma bolsa para estudar educação física na UFRJ. No RJ, dedicou-se também a aprofundar-se sobre a condição feminina, estudando sociologia e tornando-se professora. Atua no movimento feminista organizado desde 1975.<sup>4</sup>

De fato, entre a formatura como professora primária, em 1945, e a militância feminista, a partir dos anos de 1970, muitos outros acon-

3 Infelizmente, não se teve acesso à correspondência de Ruth para Moema. Moema não se casou, e a família Karam, depois da morte de Moema, em 2017, perdeu contato com familiares.

4 Disponível em: <<http://www.mulher500.org.br/moema-toscano-1927/>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

tecimentos marcaram a vida dessa intelectual. Depois desse período, igualmente, entre a década de 1970 e 2017, ano de seu falecimento, outros tantos eventos marcariam sua trajetória e fariam dela uma das mais importantes feministas brasileiras.

Professora, socióloga, feminista, militante, como se destacou, Moema Toscano teve sua carreira temporariamente interrompida durante a ditadura militar. Em razão de sua história, da perseguição sofrida, dois sites – cujo objetivo principal é manter viva a memória dos perseguidos e mortos durante o sangrento regime –, registram aspectos biográficos de Moema. No primeiro deles, *Ciência na Ditadura - Repertório dos cientistas perseguidos durante a ditadura militar*, pode-se ler:

Moema Eulália de Oliveira Toscano

Socióloga, professora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi submetida à Inquérito Policial Militar em 1964 e aposentada compulsoriamente da Universidade em abril de 1969, com base no AI-5. Foi reintegrada a UFRJ em 1979 com a anistia política.<sup>5</sup>

O *Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais*<sup>6</sup> publicou dados mais extensos sobre Moema por ocasião do recebimento, em 2012, da medalha Chico Mendes, que foi instituída pelo referido grupo e é dedicada às pessoas e entidades que se destacam nas lutas de resistência no país e no contexto latino-americano. Nessa publicação, pode-se ler mais sobre sua vida.

Acerca de sua infância, os dados indicam que Moema Eulália Toscano nasceu em Garibaldi, no Rio Grande do Sul, em 3 de janeiro de 1927, e era filha de funcionários públicos. Antes de completar a idade para se alfabetizar, foi com os pais para outra pequena cidade gaú-

cha, Veranópolis (RS). Como lá não existia jardim de infância, Moema ficava no colégio em que sua irmã mais velha estudava e ia acompanhando as maiores. Assim, aprendeu a ler e, nessa ocasião, ganhou uma medalha de honra ao mérito pelo feito (*Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais*, 2012, s/p). Mais sobre sua trajetória escolar e a vida profissional, lê-se:

Começa a trabalhar aos 17 anos, desde então passa a ser responsável por seu próprio sustento. Forma-se em 1945, pela Escola Normal de S. José Montenegro. Alfabetizadora, foi professora na área rural do Rio Grande do Sul. Em busca de novas oportunidades continua os estudos e os concursos. Em Porto Alegre, faz o curso de especialização em Educação Física. Ganha bolsa de estudos e vem para o Rio, em 1951. É licenciada em Educação Física, e em Ciências Sociais, pela UFRJ (antiga Universidade do Brasil).

Em 1959, assume o cargo de professora universitária de Sociologia, na Faculdade Nacional de Filosofia, antiga FNF, da Universidade do Brasil. Em 1975, recebe o diploma de Bacharel em Direito pela UERJ. Conquista a livre docência em Sociologia, na PUC-RJ. (*Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais*, 2012, s/p).

Licenciada em Educação Física, Ciências Sociais e Direito, especialista em Educação Física e livre docente em Sociologia, no período da ditadura, o registro é de que ela foi perseguida e ficou impedida de exercer o magistério por muitos anos. Segundo o jornal:

Cortavam-lhes, assim, os meios de sobrevivência. Anos depois, ficou sabendo que em sua ficha no DOPS constava apenas: 'amiga de notórios comunistas', segundo depoimento do Deputado Rubens Bernardo. Disse Moema: 'Eu me recusei a receber a indenização pecuniária que ofereceram. Não aceito converter a anistia em pacto pecuniário. Não perdoei o pecado que cometeram comigo.'

Amiga de notórias personalidades, a mestra querida e admirada por seus alunos, sofre a experiência constrangedora da exclusão das salas de aula, situação que deixou marcantes

5 Disponível em: [http://site.mast.br/ciencia\\_na\\_ditadura/moema\\_toscano.html](http://site.mast.br/ciencia_na_ditadura/moema_toscano.html). Acesso em: 22 jun. 2019.

6 Disponível em: [http://www.torturanuncamais-rj.org.br/jornal/gtnm\\_79/projeto\\_memoria.html](http://www.torturanuncamais-rj.org.br/jornal/gtnm_79/projeto_memoria.html). Acesso em: 22 jun. 2019.

cicatrizes no meio acadêmico. Moema cita colegas, professores, seus amigos que não resistiram ao arbítrio, e morreram de pesar. Impedida de lecionar na Universidade Federal, durante a ditadura, foi professora de inúmeros colégios, na Baixada Fluminense, em Duque de Caxias. (Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais, 2012, s/p, grifo do autor).

Em depoimento à *Revista Ilha*, em 2016, um ano antes de seu falecimento, sobre Guerreiro Ramos e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), é a própria Moema quem detalha aspectos da sua vida nesse período da ditadura militar:

Guerreiro Ramos atuou no Congresso como deputado do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), suplente de Leonel Brizola, e o regime militar logo cassou o seu mandato, já no início da ditadura. Ele foi, então, para os Estados Unidos, onde lecionava em uma universidade da Califórnia. Mais tarde, voltou clandestino. Naquele tempo era assim, a gente ia sair, voltava, e de vez em quando alguém telefonava e dizia: ‘Moema, some’. Porque a repressão andava atrás das pessoas como eu, como ele, assumidamente ‘de esquerda’; então de vez em quando, alguém avisava. Tinha alguém da polícia que de certo tomava conhecimento das coisas e corria logo no telefone: ‘Moema, some’. A gente sumia por uns tempos, nem atendia mais telefone, até passar o pânico. Eu trabalhava na PUC-RJ nessa época. A PUC foi a instituição que nos acolheu quando veio a aposentadoria forçada. Eu abri o jornal em um sábado de manhã e lá estava o meu nome, primeiro na lista dos aposentados à força pelo chamado Ato Institucional n. 1. Aposentada por tempo de serviço. Eu que tinha recém entrado no serviço público, estava em início de carreira, aposentada do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por tempo de serviço! Estava na rua, sem emprego, com um salário ridículo. Eu que vivia do meu trabalho, que sempre vivi do meu trabalho, fiquei em pânico. Fui dar aula lá pelo interior do estado em pequenas escolas onde eu podia dar sociologia, onde essa matéria era oferecida. Aliás, poucas escolas tinham essa matéria nos

seus currículos. Eram raras, e por coincidência algumas dessas estavam sem professor. Então comecei a dar aulas assim. Foi um tempo horrível, total insegurança com relação à carreira (TOSCANO, 2016, p. 268).

É ainda o *Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais* (2012, s/p) que publicou que a feminista Moema Toscano,

[...] em 1975, na segunda onda do movimento mundial de mulheres, e juntando-se as celebrações do Dia Internacional da Mulher, no México, participa da mobilização da sociedade, para o tema. É uma das fundadoras do Centro da Mulher Brasileira – CMB. Participa das muitas lutas da sociedade civil, nos anos 70 e 80, em que as minorias sociais buscavam expressão, e o movimento feminista desenvolvia ação na causa específica de reconhecimento e transformação do papel da mulher, no século XX. Para ela, o movimento social mais importante no século passado foi o das mulheres. O feminismo mudou a vida de todos.

Professora, ativista política e escritora participou em Congressos Nacionais e Internacionais e viagens representando a mulher feminista. Realizou pesquisas, participou da formação de novas propostas das mulheres, para a luta por seus direitos sociais e políticos. Sua vida profissional esteve sempre ligada ao magistério. Da jovem professora à experiente profissional, da pós-graduação à aposentadoria atual.

Cunha (2008, p. 273, grifo nosso) afirma, em artigo sobre outra feminista, Heloneida Stuardt, que,

Como redatora na revista *Manchete*, Heloneida foi enviada para fazer a cobertura do Congresso Internacional da Mulher, no México. Lá, com as amigas Rose Marie Muraro, Branca Moreira Alves e Moema Toscano, percebe que as queixas em relação ao machismo eram as mesmas. Nesse sentido, constata “que não valia a pena só mudar as leis e que a luta tinha que ir mais fundo”. E assim, as amigas, ao retornarem, fundam a primeira entidade feminista no Brasil: o Centro da Mulher Brasileira (CMB), com propósitos de ser um espaço de reflexão, pesquisa e

análise da condição da mulher brasileira. Por essas pretensões ousadas, foram muitas vezes perseguidas pela polícia, mas ‘a idéia feminista se espalhou como um rastilho de pólvora’, e muitas mulheres aderiram às novidades e à luta, assim como a outras agremiações.

Fundado em 1975, em plena Ditadura Militar, o Centro da Mulher Brasileira (CMB) é considerado um “marco inaugural de um novo feminismo em nosso país” (MARQUES; ZATTONI, 2014, p. 56). Seu principal objetivo, segundo as autoras supracitadas, era discutir a condição da mulher na sociedade. Entretanto, “a luta pelo fim da ditadura parecia ser mais urgente e ditou o caminho inicial do grupo, expressando o momento histórico em que estava inserido” (MARQUES; ZATTONI, 2014, p. 62). Nesse sentido, prevaleceu, então, no CMB,

[...] a tendência que focava nas estratégias e discussões contra a ditadura e a organização social capitalista e que defendia a luta de classes e a politização de mulheres de classes populares. Assim, a temática predominante no grupo foi aquela dedicada à mulher no mundo do trabalho: a luta por creches, por igualdade de remuneração em relação aos homens e proteção à maternidade. Muitas das mulheres que compunham o CMB participavam de outros movimentos de esquerda, organizações ou partidos e tinham um perfil mais ativista que os grupos de reflexão (MARQUES; ZATTONI, 2014, p. 63).

Moema, como visto, foi uma das fundadoras e integrantes ativas do CBM. Como intelectual atuante e pesquisadora, também escreveu e publicou livros; os que se tem conhecimento são: *Introdução à sociologia educacional*; *Teoria da educação física brasileira*; *Mulher, Trabalho e política – caminhos cruzados do feminismo*, com Fanny Tabac; *A Revolução das mulheres*; *Um balanço do feminismo no Brasil*, coautoria com Mirian Goldenberg, *Estereótipos sexuais na educação – um manual para o educador*. Como se vê, uma vida dedicada à ciência, ao feminismo e à educação.

**Figura 1** – Foto de Moema Toscano



Fonte: *Jornal do Grupo Tortura Nunca Mais* (2012).

Essa mulher, de tantas histórias, de tantos lugares sociais, militante, protagonista da luta política pelas e das mulheres – como se pode ler, foi uma das fundadoras do CMB –, que lutou contra a ditadura militar, foi, praticamente por 60 anos, amiga fiel da professora da pequena cidade da fronteira gaúcha Ruth Menezes de Karam. Dessa longa história de amizade entre as duas mulheres, apenas parte da correspondência foi mantida. Todavia, ela permite entrever quais assuntos mantiveram essas duas mulheres ligadas por um laço forte de amizade e de afeto.

**A destinatária: Ruth de Menezes Karam, professora, pedagoga, orientadora e supervisora educacional**

Ruth Nascimento de Menezes, depois de casada, Ruth de Menezes Karam, nasceu em Bagé

(RS), em 23 de julho de 1926. Era filha de Oscarina Nascimento de Menezes, costureira, e de Ervandil Jardim de Menezes, motorista. Era a segunda de uma prole de oito irmãos, cinco mulheres e três homens, da qual somente as mulheres sobreviveram até longa vida.

Iniciou seus estudos na Escola Franciscana Espírito Santo, na sua cidade, formando-se no curso normal em 1943. Foi nomeada professora aos 17 anos, iniciando a docência na escola primária na cidade de Pinheiro Machado (RS), passando depois por outras cidades do interior do Rio Grande do Sul, sempre como professora primária.

Em 1948, rumou para Porto Alegre para cursar a Escola Superior de Educação Física (ESEF), iniciando então uma amizade de seis décadas com sua colega Moema Toscano. Voltou para Bagé, então como normalista especializada em Educação Física, sendo uma grande entusiasta do esporte como formador do ser humano. Além de lecionar, praticava esportes, sendo uma das primeiras mulheres na cidade a jogar tênis.

No início dos anos de 1950, pelo trabalho desenvolvido em Bagé, foi contemplada com uma bolsa de estudos para a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, no Rio de Janeiro, onde realizou o curso de especialização. Lá, reencontrou Moema, com quem mantinha correspondência assídua. Voltou para Bagé para lecionar, dedicando-se exclusivamente à Educação Física, a nível primário, depois no curso normal e, por fim, como orientadora e supervisora educacional.

Ruth foi uma das primeiras profissionais desse ramo no estado gaúcho. Ressalta-se que os muitos documentos de sua trajetória profissional guardados pela filha, indicam a importância e o pioneirismo da realização desse curso, no Rio de Janeiro, pela professora. Se até hoje o “saber é contrário à feminilidade” (PERROT, 2007, p. 91), nos anos 1950 do século XX essa ideia estava ainda mais arraigada à sociedade.

Desde a época dos seus estudos no Rio, manteve estreita relação com a cidade, retornando anualmente. Em 1966, concluiu o curso de Pedagogia em uma extensão da Universidade Católica de Pelotas, em Bagé. Viajou para Europa e no ano seguinte iniciou o namoro com Antônio Karam, também bajeense, viúvo e pai de quatro filhos com quem se casou em 1967, pai de sua única filha, Simone.

Durante sua carreira, participou de congressos, inúmeros cursos de extensão e fez ainda outros cursos de especialização. Aposentou-se em 1983, depois de 42 anos de trabalho.

**Figura 2** – Foto de Ruth de Menezes Karam



**Fonte:** arquivo pessoal de Simone de Menezes Karam.

Cultivava plantas, lia diariamente, jamais deixou de fazer exercícios físicos, exceto quando realmente foi acometida pela doença (um assunto que aparecerá na correspondência de Moema, ou seja, tanto a doença e a saúde de ambas, quanto a prática diária de exercícios).

Ruth faleceu em janeiro de 2008, na Granja Querência, em Bagé, conforme desejava: “em minha casa, com a minha família”. A amiga Moema telefonava regularmente, acom-



panhando de longe sua enfermidade. No seu ataúde, como era seu desejo, foi colocado o primeiro uniforme de Educação Física que usou para suas aulas, demonstrando seu amor ao esporte e à profissão. Considerava a educação uma possibilidade de transformação, e o esporte, uma ferramenta de igual importância para isso.

Para uma mulher nascida na década de 1920, na fronteira Bagé (RS), Ruth de Menezes Karam foi pioneira em sua trajetória: viveu, sozinha, em cidades do interior da campanha gaúcha como professora primária, foi estudar, também sozinha, em Porto Alegre na década de 1940 e, na década de 1950, no Rio de Janeiro. Dedicou a vida ao esporte e à docência na escola primária e na área de Educação Física da escola normal, deslocando-se social e culturalmente de seu lugar de origem; por isso, tratamos de caracterizá-la como uma intelectual local. Sua influência na prática de esportes e na Educação Física escolar na sociedade baixeense foi perceptível durante décadas.

## Correspondência de Moema a Ruth de Menezes Karam: “do mundo” para Bagé (RS)

Mulheres, gaúchas, normalistas, professoras, especialistas em Educação Física, contempladas com bolsa de estudo para estudar no Rio de Janeiro nos anos 50 do século XX, como destacou-se, Ruth de Menezes Karam e Moema Toscano desenvolveram, desde 1948, iniciada no curso de Educação Física em Porto Alegre, uma amizade duradoura, que atravessaria muitas décadas e alcançaria outra geração, estendendo-se à filha Simone.

Dessa amizade, decorreu a troca de correspondência, que no caso do que dispomos foi enviada por Moema tanto para Ruth, quanto para a filha. Do que foi salvaguardado dessas décadas de amizade, restaram quatro car-

tas, todas remetidas desde o Rio de Janeiro, 20 cartões, sendo a maioria postais enviados de diferentes lugares do mundo, duas fotos e dois livros autografados. Toda a correspondência tem como remetente Moema Toscano e como destinatárias Ruth de Menezes Karam e Simone de Menezes Karam. Não temos nenhuma correspondência de Ruth à Moema, mas na lembrança da filha está presente ainda momentos em que a mãe se sentava para escrever à amiga e que jamais esquecia seu aniversário (3 de janeiro), enviando sempre um cartão. Nesse sentido, e pelas referências nas cartas de Moema, pode-se dizer que, por suposto, a escrita era recíproca.

Especificamente para Ruth foram salvaguardados: três cartas (2004, 2005, 2006); 14 cartões, sendo 11 postais (de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Lisboa, São Francisco/USA, Copenhague, Zurich, Budapest, Paris); duas fotos autografadas, sendo uma da sua comemoração de 70 anos; e dois livros igualmente autografados a Ruth.

A correspondência que está disponível cobre o período de final dos anos de 1960 até 2011, após a morte de Ruth, em 2008, uma vez que Moema continuou se correspondendo com a filha, Simone (para ela há no espólio uma carta e seis cartões que não serão aqui foco de análise, apenas referência).

A data do primeiro cartão é 1967 – em pequeno formato, branco, apenas com texto manuscrito por Moema – e, embora seja direcionado ao Sr. Antônio Karam, trata-se da justificativa de sua ausência no casamento dele com Ruth. Por estar doente, ela escreveu lamentando não poder estar presente em data tão importante. Deseja felicidades ao casal e promete-lhes uma visita tão logo seja possível. Plausível – pelas características materiais e pelo envelope com o nome de Antônio Karam – que tal cartão tenha vindo junto a uma carta à amiga na data. A visita ocorreu alguns anos depois.

Todavia o cartão com data mais antiga de Moema diretamente a Ruth é de 1972, enviado de Porto Alegre, possivelmente quando Moema lá estava em visita a uma outra amiga, Jan-dira Tabajara, casa onde, bem mais tarde, encontrou-se com Ruth pela última vez:

P. Alegre, 28/6/72  
Querida Ruth

Esse é para enviar um grande abraço para a linda Simone que amanhã faz 2 aninhos, desejo a vocês que todos os aniversários sejam sempre com muitas felicidades, pois imagino como ela deve estar chic recebendo as visitas.

Abraços com saudades da amiga  
Moema

Como se pode ler, a amiga Moema acompanhava os primeiros passos da filha da amiga, algo que se manteve ao longo da vida. Cartões em datas comemorativas eram enviados de ambos os lados. Mas não apenas isso, não se tratava de uma formalidade de duas mulheres que haviam se conhecido anos antes, Moema escrevia sobre suas viagens, o trabalho, as lembranças, a amizade de ambas, a saúde e, nas cartas em específico, sobre o envelhecimento, como se verá adiante.

Na sequência, após o cartão de 1972, anteriormente reproduzido, considerando as datas, há o que segue: um cartão postal enviado de Porto Alegre e, embora não haja data, pelas características da fotografia reproduzida no cartão, trata-se de uma de Porto Alegre, dos anos de 1970; um cartão remetido de Portugal, em 1977; um dos Estados Unidos, de 1978; um da Escandinávia, de 1978; um de Zurich, de 1983; um de Budapest, de 1984; um de Paris, de 1992; um cartão de agradecimentos pelas felicitações de aniversário, enviado do Rio de Janeiro, em 1997; quatro remetidos desde Paris, respectivamente, em 2000, 2003, 2005, 2007; um cartão da Unicef, de 2007, enviado do Rio de Janeiro. Uma das fotografias, tirada na co-

bertura do prédio onde morava, data de 1983 e refere às suas atividades de lazer e descanso; a outra é dos 70 anos de Moema, como se referiu anteriormente. As cartas, como já mencionadas, são de 2004, 2005, 2006.

Dois temas são recorrentes na correspondência: as viagens de Moema, a amizade de ambas, a família e, mais tarde, a saúde e o envelhecimento. Sobre a amizade, em 2007, um ano antes da morte de Ruth, Moema escreveu:

Querida Ruth:

Aos trancos e barrancos vamos chegando à famosa idade avançada... Ter você como amiga, após quase 60 anos de nos conhecermos, nos idos de 48, já é muita coisa...

Um feliz Natal, que 2008 te traga mais alegrias que merece.

Um abraço da

Moema  
Rio, 11/12/07.

O tom já um pouco melancólico em razão da “idade avançada”, ambas estavam na faixa dos 80 anos, e a referência às décadas de amizade entre elas revelam a longevidade dessa relação. Convém lembrar que Moema era uma “mulher do mundo”, atuando, além da universidade, em outros espaços de liderança e militância; Ruth era uma “mulher da fronteira”, vivendo em Bagé (RS) e se dedicando ao magistério primário e normal e à família. Duas mulheres com trajetórias diferentes que a amizade uniu durante toda a vida.

O cartão referido, de 2007, provavelmente terá sido o último enviado à amiga tão querida, uma vez que Ruth faleceu no começo do ano seguinte, como referimos. Também como citado, a correspondência de Moema à família Karam continuou depois disso, tendo ela mantido contato e escrito para Simone até 2011, pelo espólio guardado. Simone, no entanto, relembra que o contato se estendeu para além

dessa data, pelo menos próximo ao falecimento de Moema, em 2017.

Contudo, antes desse cartão, cujo texto foi reproduzido anteriormente, em que refere a idade avançada, a amizade de ambas e deseja feliz Natal, em maio daquele mesmo ano, 2007, Moema escreveu a Ruth desde Paris. Ela refere-se novamente à questão da idade e à amizade que une ambas:

Querida Ruth,

A velha octagenária está batendo pernas em Paris, enquanto tem alguma energia. A cidade é mesmo a melhor do mundo, está linda como sempre e bato rua o dia inteiro, revendo lugares e conhecendo outros novos.

Liga para mim no Rio, chego dia 06/06. Um abraço para Karam, um beijo para ti da velha amiga,

Moema  
20-05-07

O encantamento de Moema com Paris e suas vistas estão retratados nos outros cartões de lá enviados: nos anos de 1992, 2000, 2003, 2005:

Querida Ruth

Pois é, cá estou eu, curtindo a velha Europa. Não é que encontrei uma bageense que mora aqui há anos, é muito simpática, Ceres Franco.

Aluga quartos para hóspedes brasileiros, é dona de uma linda galeria de arte. Para vocês um grande abraço da velha amiga de sempre.

Moema,  
Paris, 17/09/92

Querida Ruth

Paris está uma festa linda como sempre. Mas já começou a chover, o outono está chegando.

E Simone, está aproveitando bem a viagem?

Um beijo carinhoso da  
Moema  
Paris, 18/9/2000

Querida Ruth

Sua amiga cigana, bate rua em Paris, alugamos um apartamento na River Gauche e levamos vida de parisienses. Soube que a Simone me telefonou para o Rio, mas não tenho detalhes. Logo que voltar (dia 17) te darei notícias. Um abraço muito carinhoso da

Moema  
Paris, 29/08/03

Querida Ruth!

Ah! As velhas amizades... Quanto mais o tempo passa, mais a gente dá valor ao que vai ficando para trás. Cá estou, me despedindo mais uma vez de Paris (é a 3ª ou 4ª despedida, mas, de repente vai ser mesmo).

A saúde não vai lá estas coisas, mas também não se chega aos 80 sem pagar um preço, não é mesmo? Desta vez, vim sozinha e a experiência é estranha, sem falar com ninguém além do estritamente necessário, podes bem imaginar que já começo a contar os dias que faltam para a volta, dia 4 próximo. Até lá vou correndo as ruas, museus e igrejas desta cidade tão linda. Um abraço para ti, Karam e descendência, da velha amiga,

Moema  
Paris, 25-9-05

A “amiga cigana” ainda mandaria cartões de outros lugares do mundo. Desde o final dos anos 1970 que Moema viaja e mantinha contato com a amiga da longínqua Bagé (RS): em 1977, chegou um cartão postal enviado de Portugal; em 1978, dos Estados Unidos; em 1980, de Copenhague; em 1983, de Zurich; em 1984, de Budapeste. Esse período corresponde ao final da Ditadura Militar no Brasil e marca o retorno de Moema à UFRJ. Lembre-se de que ela foi aposentada compulsoriamente da universidade em abril de 1969, com base no AI-5, e foi reintegrada à UFRJ em 1979 com a anistia política. A correspondência não revela nada acerca desses fatos e da perseguição por ela sofrida.

Moema escrevia à amiga, quando estava fora do país, sobre fatos que acompanhava nos outros países, relembra momentos passados juntas e saúda a filha e o marido de Ruth.

De Lisboa, Portugal, em 1977, escreveu ela:

Querida Ruth,

Cá estou nos últimos dias de uma excelente viagem pela Europa, sozinha, mas com amigos e conhecidos, por todas as cidades onde ando há Carnaval, aqui em Lisboa lembrei-me muito da Simone, ela ia morrer de rir das crianças fantasiadas pela rua, muito bem comportadas, pela mão da mamãe orgulhosa e, nada mais... Nas casas de disco, tocava uma única música: Oh! Jardineira porque estás tão triste! Imagine que ainda estão neste tempo...

Por cima das fantasias enormes casacos e capas, pois faz um frio de rachar...

Está fazendo um ano que passamos aqueles dias tão agradáveis aí em Bagé... Um abraço ao Karam, Beijinhos na Simone, para ti a amizade da Moema

21.2.77.

Veja-se que pelo texto é possível saber que Moema esteve em Bagé em 1976 e passou alguns dias na cidade. A amizade de ambas não pressupunha os contatos apenas por correspondência: ambas se visitavam de tempos em tempos ou se encontravam na capital gaúcha, Porto Alegre, quando das visitas de Moema à cidade.

Em 1978, Moema mandou um cartão a Ruth desde São Francisco, nos Estados Unidos. Dessa vez, ela se refere ao motivo da visita:

Querida Ruth

Cá estou eu convidada, desta vez pela embaixada americana para passar um mês visitando organizações femininas e universitárias norte-americanas.

Estou correndo o país de norte a sul, uma beleza de viagem.

Um abraço para Karam, beijinhos em Simone. Maiores detalhes depois por carta.

Saudades da Moema  
S. Francisco, 26.10.78

Nessa data, Moema já havia se destacado nas lutas feministas e já tinha, juntamente com outras companheiras, fundando o CMB em 1975. Seu ativismo, influência e militância feministas estão também expressos no cartão enviado desde Helsinki, na Finlândia, em 1980. Ela havia participado do Congresso das Mulheres, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), em Copenhague, Dinamarca, e “esticou” para além, como escreveu:

Querida Ruth.

Cá estou eu por estas paragens distantes. Não vim para os Jogos Olímpicos (não deu), mas para o Congresso de Mulheres da ONU em Copenhague. Agora estou ‘esticando’ pela Escandinávia. Tudo corre bem, inclusive um verão quase carioca. Noites que começam às 22 horas e acabam às 4.

Cidades arrumadinhas, tudo em ordem (menos o problema do alcoolismo, incrível). Não esqueço os amigos distantes, como vês. Um abraço a Simone e ao Karam. Da amiga

Moema  
Helsinki, 2/8/80.

Em outros dois cartões enviados do exterior – em 1983, de Zurich, e 1984, de Budapeste –, ela menciona idas à região da Escandinávia novamente, à Rússia, à Lapônia, à Paris. Moema era mesmo uma mulher do mundo, ou como ela escreveu “uma amiga cigana”, mas que jamais esquecia, onde estivesse, “da amiga do pampa”, como referiu em um dos cartões.

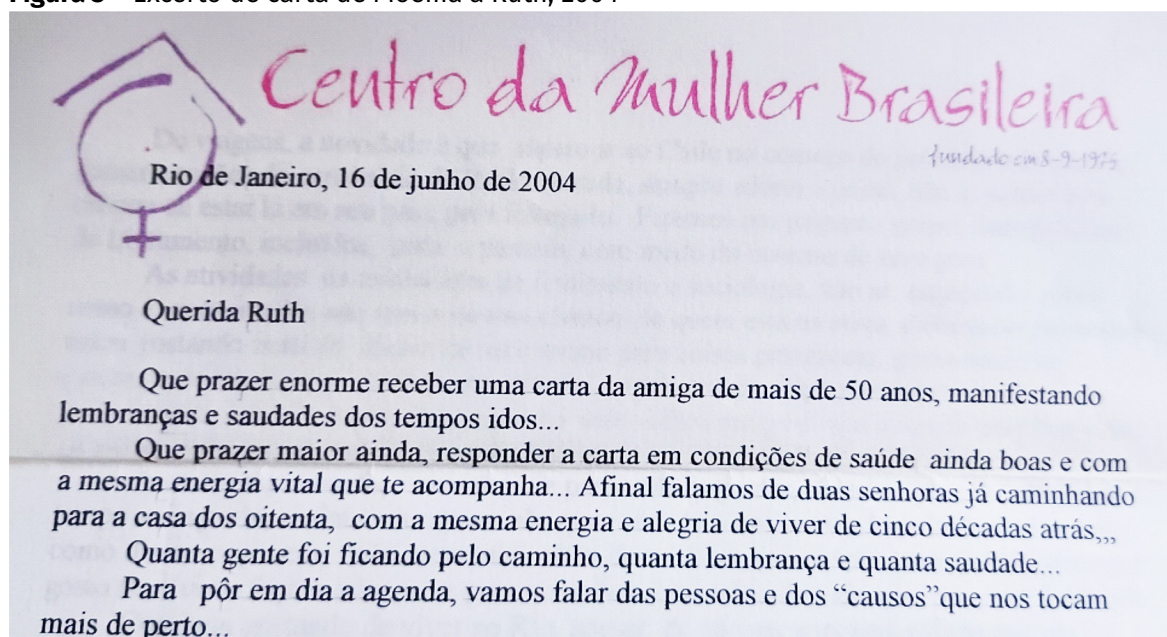
E o teor das cartas escritas por Moema? Quais assuntos ou episódios mencionou? Trabalhando com as cartas, partimos do pressuposto de que elas “[...] desvelam a vida privada, o que se esconde atrás da cena pública” (DAUPHIN; POUBLAN, 2002, p. 75).

Vale destacar que, diferente dos cartões,

todos manuscritos, como supõe a materialidade do artefato, as três cartas são digitadas. A

de 2004, inclusive, foi escrita no papel timbrado do CMB, como se pode ver:

**Figura 3** – Excerto de carta de Moema a Ruth, 2004



**Fonte:** arquivo pessoal de Simone de Menezes Karam.

“Para pôr em dia a agenda, vamos falar das pessoas e dos ‘causos’ que nos tocam mais de perto...”. A frase aproxima ambas e afirma que tinham coisas em comum, que “tocavam” ambas. Quais eram, nesse caso, “os causos” que as tocavam mais de perto? Na carta, Moema escreveu sobre o patrimônio familiar que Ruth construiu, “não por acaso”, mas graças, diz ela, ao “teu bom senso, teu equilíbrio, teu sentido ético e moral”. Vê-se que a amiga, intelectual renomada, já aposentada de suas atividades acadêmicas, reconhece as qualidades da amiga e demonstra admiração por ela e pelo patrimônio que erigiu, a família, diferentemente dela cujo “patrimônio” era a vida intelectual e de militância. A família de Ruth, aliás, foi sempre um dos “causos” que as “tocavam mais de perto”.

Adiante, na mesma carta, Moema conta de si:

[...] Eu, de minha parte, também fiz o que pude, considerando as condições materiais e concretas em que comecei a vida, na época em que

iniciei minha luta pela sobrevivência, numa cidadezinha do interior, sem outro título que um modestíssimo diploma de escola normal e uma vontade cega de ir em frente. (MOEMA TOSCANO, 2004).

Uma mulher que se vê aposentada, perto de completar 80 anos de idade e que, de alguma forma, faz um balanço da trajetória e menciona o “saldo de vida” que lhe resta. Ela conta, então, um pouco de sua rotina e de uma viagem que planejou:

[...] As atividades na minha área de feminismo e sociologia, vão se espaçando, sabes como é, aposentados não tem a mesma chance de quem está na ativa, além disso, eu mesma estou gostando mais de dispor de meu tempo para coisas prazerosas, gosto muito de cinema e de teatro, dou minhas caminhadas, regularmente, faço ginástica (só de manutenção, é claro), tenho meu joguinho com velhos amigos, vou vivendo uma boa vida, de aposentada que não se deixou marginalizar.

A saúde está boa, faço meu regime para não engordar, cuido da pressão, claro que o tempo vai

agindo, assim como quem não quer nada, vai nos comendo pelas beiradas mas, como dizem os jovens, ‘não esquento’, além do mínimo necessário, para que ele sinta que gosto de viver e faço minha parte para viver bem este saldo de vida que me está destinado. (MOEMA TOSCANO, 2004).

Mas ela não se deixou mesmo “marginalizar” e do “saldo de vida” que refere ter, parece ainda ter aproveitado sobremaneira: naquele ano, havia planejado uma viagem por uma “nobre” razão: “De viagens, a novidade é que espero ir ao Chile no começo do próximo mês para as comemorações do centenário de Pablo Neruda, sempre adorei o poeta, não ia perder esta chance de estar lá em seu país, para festejá-lo” (MOEMA TOSCANO, 2004).

No mais, os outros assuntos foram sobre amigas e conhecidas com as quais perderam contatos, sobre o Rio de Janeiro e as perguntas e as saudações de sempre: ao Karam e à Simone.

Mostrando que a carta é uma prática relacional (VENANCIO, 2004) e que “[...] a prática epistolar de um indivíduo só existe em função de um outro, para quem se enuncia uma fala e de quem se aguarda uma resposta” (VENANCIO, 2004, p. 113), a missiva de 2005 foi uma resposta a uma mencionada “longa carta” ou “carta relatório” que Ruth teria escrito à Moema. Nela, com certeza, Ruth falou sobre a família, mencionada na resposta, e sobre seu estado de saúde, já abalado, pelo que lamenta profundamente a amiga Moema e aproveita para falar de si:

[...] Quanto à segunda parte da carta, com as notícias sobre tua saúde, estas me deixaram triste mas, ao mesmo tempo, otimista, com os detalhes de teu tratamento e de seus resultados, que nos autorizam a esperar que deixaste o fantasma numa curva da estrada, bem para trás. É claro que nesta altura de nossos quase 80 anos, alguma coisa vai funcionando menos bem. De minha parte, meu ponto fraco é o cora-

ção. Já tive uma isquemia que deixou sequelas no braço esquerdo, tenho que controlar muito a pressão e as batidas não são tão regulares como deveriam. Aquela energia que parecia inesgotável, esgotou-se, canso mais rápido que há 20 ou 30 anos atrás, estou fazendo ginástica 3 vezes por semana numa academia, aqui perto de casa, e vou levando... Passei um mês em Paris, com o raio de um esporão no calcanhar, não sei se conheces, de nome, esta bomba, até hoje ainda sinto um pouco de dor, quando caminho. (MOEMA TOSCANO, 2005).

Como se pode ler, Moema, apesar das doenças da idade, mantinha-se ativa e, na carta, se refere à visita que tinha feito à Paris naquele ano, de onde enviou um cartão-postal, já referido, a Ruth.

Nessa mesma carta, escreve sobre coisas “mais amenas” como, por exemplo, sobre pessoas que conheciam em comum, sobre o Rio de Janeiro, acerca de suas frequentes viagens a Porto Alegre, onde tinha familiares e amigos e, a considerar que a “comunicação epistolar representa uma das manifestações mais evidentes de escritura subjetivo e existencial” (GÓMEZ, 2002, p. 18), escreveu novamente sobre a velhice, a finitude e a amizade, em uma espécie de balanço da vida:

[...] Este negócio de viver muito tem seu lado meio lúgubre, mas ninguém quer apressar a ida. De minha parte, encaro o fim com tranquilidade, vivi bem, fiz muita coisa boa, ainda tenho grandes amizades (como esta que nos une) e vejo a aproximação da grande viagem com resignação, embora não tenha nenhuma fé (como tu) numa sobrevivida além desta aqui. (MOEMA TOSCANO, 2005).

Como afirmaram Bastos, Cunha e Mignot (2002, p. 6), cartas são “[...] uma forma de ousar, de ser transparente e vulnerável com a pessoa que se convida a participar deste processo [...]. Como resultado, constrói-se a confiança, cresce a intimidade”. É o que se percebe nas três cartas desse espólio, que foram escritas quando ambas as missivistas estavam próximas de

se tornarem octogenárias, estavam vulneráveis, com a saúde já abalada e com a sensibilidade sobre as questões existências afloradas, em especial a da “grande viagem”, como referiu Moema.

Na carta de 2006, última em termos de data salvaguardada, Moema volta a escrever sobre sua rotina, seu estado de saúde, a viagem que tinha feito e a amizade de ambas. Assim começa a missiva, com a mesma saudação de sempre: “Querida Ruth”. E segue: “Tua cartinha deu-me grande alegria, como sempre. Cada vez é menor o número de amigas com as quais ainda mantenho algum contato. Tu, felizmente, está neste caso” (TOSCANO, 2006). O grau de amizade, confiança, afeto e o vínculo entre elas estão expressos desde as primeiras linhas dessa carta e da correspondência em geral.

Observando que a carta é “[...] uma forma de compartilhar vivências mais pessoais, íntimas e até mundanas” (GÓMEZ, 2002, p. 18), a “vidinha de sempre” é referida por Moema na missiva de 2006:

Aqui vou levando minha vidinha de sempre, teatro, cinema, joguinho de carta no fim de semana, enfim não me queixo. [...]

De saúde, vou indo, com os problemas inerentes à idade, tudo sob controle. Faço ginástica numa academia aqui junto de casa, faço massagem duas vezes por semana, vou ao médico só para acompanhar o processo inevitável, não tenho problemas (ainda) com as articulações; coluna, nem sei onde fica, a maioria de nossas contemporâneas têm problemas horríveis nesta área, algumas mal podem andar. Sempre atribuo meu bem estar à ginástica, que defendo com unhas e dentes. (MOEMA TOSCANO, 2006).

Mas andarilha do/pelo mundo, Moema escreve sobre mais uma viagem internacional que havia feito, mostrando-se ativa e atenta às problemáticas do mundo, como boa socióloga e intelectual que era:

[...] Voltei há dois dias de Buenos Aires, fui passar 4 dias com um casal de amigos (ele foi homenageado por sua luta a favor dos negros, raridade na Argentina), assisti dois shows de tango, comemos muito bem, a cidade continua linda e recebendo os turistas muito bem. (MOEMA TOSCANO, 2006).

Prestes a completar 80 anos – havia nascido em 1927 –, na carta de novembro de 2006 escreveu, de forma emocionada, sobre a amizade de ambas:

[...] Vou passar meus 80 aninhos com a Jandyra e as irmãs dela, numa festinha bem familiar.

Fico pensando em nossa amizade, de quase 60 anos (distante ano de 1948, lembra-te?) e me dou conta do raro que é duas pessoas com destinos tão diferentes terem mantido sua amizade com o mesmo fôlego através dos anos e apesar da distância... Nós duas vivemos nossos projetos de vida plenamente, fomos felizes, cada uma à sua maneira, e conseguimos nos manter em permanente contato, ainda que separadas pelos estilos de vida e pela distância física. Foi lindo, não foi? (MOEMA TOSCANO, 2006).

“Foi lindo, não foi”. A frase escrita no passado revela a memória de Moema, o olhar retrospectivo para a raridade de duas mulheres com destinos tão diferentes, que viveram plenamente, na avaliação da missivista, seus projetos de vida e foram felizes e que, apesar da distância, mantiveram-se próximas por quase 60 anos. A correspondência de ambas manteve o vínculo. “Foi lindo, não foi?”.

## Considerações finais

Como afirmou Perrot (2007, p. 29), “[...] as correspondências femininas privadas raramente são publicadas”. Diríamos ainda que, via de regra, sequer são guardadas, uma vez que “a destruição e o anonimato ameaçam as cartas pessoais” (PERROT, 2007, p. 29). Pode-se afirmar mesmo que a correspondência de e entre mulheres é, ainda, insuficientemente estudada, problematizada e considerada em pesquisas acadêmicas, especialmente quando se trata de

conteúdos que remetem à vida privada. Nesse sentido, reafirma-se, primeiramente, a importância da guarda e preservação do material aqui apresentado, especialmente porque “[...] as correspondências ordinárias, muito tempo abandonadas sobre a nave lateral da história, também adquiriram estatuto de documento” (DAUPHIN; POUBLAN, 2002, p. 75).

“Querida Ruth”, era sempre assim que Moema iniciava sua correspondência à amiga, por quem nutriu afeto ao longo de suas vidas, aliás, afeto recíproco. As três cartas, 14 cartões, mais as fotografias e os livros autografados enviadas por Moema a Ruth permitem reafirmar a amizade dessas duas mulheres que começou ainda no final da década de 1940, no curso de Educação Física, em Porto Alegre, estreitando na temporada passada na Escola de Educação Física e Desporto, do Rio de Janeiro, na década de 1950, e manteve-se mesmo depois que ambas seguiram trajetórias muito diferentes, como a própria Moema sempre destacava em sua correspondência.

Mais do que isso, a correspondência permitiu colocar em cena aspectos da vida de Moema Toscano, especialmente de suas viagens ao redor do mundo, uma vez que em muitos dos lugares que visitou a trabalho ou a passeio enviou cartão postal a Ruth.

A escrita epistolar – seja em forma de cartão ou de cartas – transformou a ausência em presença, como relembram Bastos, Cunha e Mignot (2002), aproximou Moema e Ruth, permitiu manter viva, por quase 60 anos, uma amizade que começou ainda na juventude e estendeu-se até a velhice. Podemos encerrar fazendo a mesma pergunta que Camargo (2002, p. 178) fez ao estudar cartas trocadas por duas adolescentes: “Poderíamos falar em amizade pela escrita?”. O caso de Moema e Ruth permite entrever o quanto a escrita epistolar aproxima e dirime distâncias. Ela permitiu, nesse caso, uma amizade e afeto entre duas mulheres durante 60 anos. “Foi lindo, não foi?”.

## Referências

BASTOS, Maria Helena C; CUNHA, Maria Teresa S.; MIGNOT, Ana Chrystina V. Laços de Papel. *In*: BASTOS, Maria Helena C; CUNHA, Maria Teresa S.; MIGNOT, Ana Chrystina V. (Org.). **Destino das letras**: história, educação, escrita epistolar. Passo Fundo: UPF Editora, 2002. p. 5-9

CAMARGO, Maria Rosa R. M. Escreva-me urgente... Um estudo dos elos comunicativos na carta. *In*: BASTOS, Maria Helena C; CUNHA, Maria Teresa S.; MIGNOT, Ana Chrystina V. (Org.). **Destino das letras**: história, educação, escrita epistolar. Passo Fundo: UPF Editora, 2002. p. 159-180

CIÊNCIA NA DITADURA - Repertório dos cientistas perseguidos durante a ditadura militar. **Moema Eulália de Oliveira Toscano**. Disponível em: <[https://site.mast.br/ciencia\\_na\\_ditadura/moema\\_toscano.html](https://site.mast.br/ciencia_na_ditadura/moema_toscano.html)>. Acesso em: 22 jun. 2019.

CUNHA, Cecília. Uma escritora feminista: fragmentos de uma vida. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 271-276, 2008. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2008000100028&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000100028&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 jun. 2019.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver. *In*: BASTOS, Maria Helena C; CUNHA, Maria Teresa S.; MIGNOT, Ana Chrystina V. (Org.). **Destino das letras**: história, educação, escrita epistolar. Passo Fundo: UPF Editora, 2002. p. 75-87.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna: *In*: BASTOS, Maria Helena C; CUNHA, Maria Teresa S.; MIGNOT, Ana Chrystina V. (Org.). **Destino das letras**: história, educação, escrita epistolar. Passo Fundo: UPF Editora, 2002. p. 13-52.

JORNAL DO GRUPO TORTURA NUNCA MAIS/RJ. **Moema Eulália Toscano**. Ano 25, n. 79, abril, 2012. Disponível em: <[https://www.torturanuncamais-rj.org.br/jornal/gtnm\\_79/projeto\\_memoria.html](https://www.torturanuncamais-rj.org.br/jornal/gtnm_79/projeto_memoria.html)>. Acesso em: 22 jun. 2019.

MARQUES, Ana Maria; ZATTONI, Andréa M. Feminismo e Resistência: 1975 – O Centro da Mulher Brasi-



leira e a Revista Veja. **História Revista**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 55-76, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/historia/article/view/31223>>. Acesso em: 7 set. 2022.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

REDE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – REDEH. Biografia de Mulheres – Mulher 500 anos atrás dos pa- nos. **Moema Toscano**. Disponível em <<https://www.mulher500.org.br/moema-toscano-1927/>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

TOSCANO, Moema. Guerreiro Ramos e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). **ILHA: Revista de Antropologia**, v. 18, n. 1, p. 266-273, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/>

<article/view/2175-8034.2016v18n1p264>. Acesso em: 15 ago. 2022.

VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vian- na: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si. Es- crita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e Educação. **Pensar a Educação em Revista**, v. 1, n. 1, p. 3-21, 2015. Disponível em: <[http://pensaraeducacao.com.br/wp-content/uploads/sites/4/2017/04/vol\\_1\\_no\\_1\\_Carlos\\_Eduardo\\_Vieira.pdf](http://pensaraeducacao.com.br/wp-content/uploads/sites/4/2017/04/vol_1_no_1_Carlos_Eduardo_Vieira.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2019.

Recebido em: 15/09/2022

Revisado em: 28/11/2022

Aprovado em: 30/11/2022

Publicado em: 15/12/2022

**Eliane Peres** é doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora titular da Universi- dade Federal de Pelotas (UFPel). Coordenadora do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros escolares (Hisales). *E-mail:* [eteperes@gmail.com](mailto:eteperes@gmail.com)

**Simone de Menezes Karam** é doutora em Pediatria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora associada da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). *E-mail:* [karam.simone@gmail.com](mailto:karam.simone@gmail.com)